

A TRADUÇÃO NO CONTEXTO DO MUNDO GLOBALIZADO

Leila Cristina de Mello DARIN (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

ABSTRACT: Ever since the invention of writing, translation has played a major role the interaction between peoples and cultures. Today it works as a vital cultural mediator, as cross-linguistic and cross-cultural communication. In the present article we intend to discuss the changes in the translator's work triggered by the so-called globalization.

KEYWORDS: *translation; globalization; contemporary translator's skills.*

1. No início, era o verbo ... e sua tradução

Desde os primeiros agrupamentos humanos, desde o princípio do que hoje chamamos cultura humana, o homem vem tecendo sua História com palavras, e cedo tomou consciência da existência de outros grupos com línguas e hábitos diversos aos seus, o que deve ter sido, de fato, uma experiência assombrosa. É deste assombro que nos fala o poeta e tradutor mexicano Octavio Paz, em seu ensaio “Lectura y Contemplación”:

Todas las sociedades, tarde o temprano, descubren que hay otros grupos que hablan un lenguaje distinto al suyo. Advertir que, para otros hombres, los sonidos que nos sirven para designar a esto o aquello – pan, cielo, demonios, árboles – nombran a otros objetos o no designan nada y son mero ruido, debe haber sido una experiencia sobrecogedora. (1984:7)

A perplexidade decorrente desta descoberta -- que ainda hoje nos acomete quando nos deparamos com inesperadas diferenças lingüístico-culturais -- nos leva a pensar que a necessidade de comunicação entre grupos, tribos e povos, viabilizada por meio da interpretação e, posteriormente da tradução escrita, faz destas duas atividades as grandes precursoras do movimento de globalização, aqui entendida no sentido de integração das culturas que constituem a diversidade do mundo e dos olhares para esse mundo. Assim entendida, a tradução sempre esteve a serviço da globalização, isto é, da redução de distâncias, da troca entre as comunidades, da aproximação dos povos, da criação e manutenção de uma rede que, primeiramente local e regional, intensificou-se até se configurar na rede lingüística que hoje conecta nossa aldeia global.

O papel da palavra escrita e da tradução na história humana tem sido o de levar e trazer notícias, descobertas, constatações e reflexões sobre as diversas formas de conceber o Homem e suas relações em sociedade, dessa maneira contribuindo para ampliar o acervo da humanidade nas mais variados campos, da culinária às decisões militares, difundindo o conhecimento técnico e científico, as manifestações artísticas, as doutrinas religiosas, as teorias e práticas políticas, econômicas, filosóficas. Em seu livro “Os tradutores na história” (1995, trad. Sérgio Bath, 1998), Delisle e Woodsworth discorrem sobre o trabalho dos tradutores ao longo dos séculos e seu impacto na vida intelectual e na evolução do pensamento. Os autores refazem o percurso trilhado pelos tradutores, reconstruindo a história da tradução a partir das personalidades que deixaram marcas na profissão, quer seja “inventando alfabetos, enriquecendo línguas, estimulando o surgimento de literaturas nacionais, disseminando o conhecimento” (1998: 11) ou elaborando dicionários valiosos. Os nove temas que compõem a obra mostram que o tradutor muitas vezes é agente de profundas mudanças sociais e ideológicas. O livro, dessa forma, dá o merecido destaque à função social do tradutor e contribui significativamente para os Estudos da Tradução.

2. O cenário hoje: novas conjugações

Se o tradutor tem, de fato, desde o século XVIII a.C. (quando foram feitas traduções de textos sumérios para o acádio, segundo Yebra, 1989, *apud* Albir, 2001:100), auxiliado na tarefa de facilitar e estimular a

intercomunicação, qual seu papel e importância hoje, no mundo globalizado?

Nos últimos 40 anos, temos assistido um crescente interesse pela área em várias partes do mundo e no Brasil, que se consolida com o aumento de cursos universitários, de especialização e pós-graduação, com o desenvolvimento de pesquisas e a disseminação de seus resultados em congressos e publicações, com a renovação de conceitos e pressupostos, com ampliação das sub-áreas para incluir novas perspectivas, avanços e questões. Para procurarmos compreender o perfil do tradutor contemporâneo, no contexto da globalização, é preciso examinar as mudanças que estão ocorrendo nas formas e funções do trabalho tradutório.

O conceito de *globalização* remete, fundamentalmente, a um fenômeno político-econômico mundial. Refere-se, em sua forma mais básica, ao comércio de produtos e serviços para mercados distantes, ou seja, à ampliação de mercados consumidores por meio da tecnologia da comunicação, envolvendo assim maior produção e distribuição de mercadorias e de textos. Isto implica que, quando produz um determinado artigo, o país ou local produtor passa a prever como parte integrante do processo uma etapa de estrangeirização ou tradução dos documentos, folhetos, embalagens, bulas, manuais, os quais acompanham o produto para que ele possa chegar ao consumidor estrangeiro. Nesse contexto, a tradução é uma ferramenta de *distribuição* (*a tool of distribution*, nas palavras de Pym, 2003) na medida em que viabiliza o marketing e a venda, ganhando um lugar previsto nas estratégias de divulgação das mercadorias. O processo de tradução, que se sustenta na comunicação eletrônica, não só é mais ágil como menos custoso em termos de tempo despendido e transporte de informação. Além disso, há hoje uma grande necessidade de comunicação e de tradução não só porque é mais fácil interagir como também porque há mais parceiros e mais desenvolvimento em todas as áreas de conhecimento, e maior disseminação de idéias, produtos e serviços resultantes de pesquisas.

De que forma essa nova configuração nas relações comerciais, aliada à comunicação eletrônica influencia ou afeta o trabalho do tradutor ou mesmo seu perfil profissional? Proponho refletir sobre algumas mudanças no perfil do profissional da tradução utilizando como ponto de partida os textos de Anthony Pym (“Globalization and the Politics of Translation Studies”, 2003), Edwin Gentzler (“Translation and Technology: Bridging the Gaps”, 2003) e o livro *Conversas com*

tradutores (2003), do qual utilizarei os depoimentos especificamente direcionados ao tema da globalização.

Relativamente ao tradutor de algumas décadas atrás, da era “pré-globalização”, o tradutor hoje deve ter, mais do que o conhecimento sólido das duas línguas e “muita cultura” (o chamado “conhecimento geral”), um sólido conhecimento das línguas, aliado à sensibilidade em relação às diferenças culturais e às variações regionais e locais. Há hoje maior consciência do caráter textual e interpretativo da tradução, cuja função é transformar o ato comunicativo expresso na língua de partida em um ato comunicativo na língua de chegada, tendo em vista o objetivo e o leitor da tradução. Em decorrência dessa consciência, os critérios norteadores do traduzir passaram a enfatizar a função e a recepção, tal como preconiza a linha pragmática representada pela Skopos Theory, desenvolvida na Alemanha no início dos anos 80. Se o tradutor antes buscava um conhecimento geral, e utilizava a texto de partida como referência, agora ele/a deve dar especial atenção ao macro contexto que o gerou e à situação comunicativa específica na qual o texto traduzido deverá se inserir. Diante dessas solicitações, é importante conhecer as configurações lingüístico-culturais da área de tradução, seja ela jurídica, financeira, técnica, médica, artística, de informática, etc. Assim, o tradutor deve ter conhecimento das variantes lingüísticas e culturais, e é desejável que tenha formação em tradução, com prática em áreas específicas.

Quanto à dinâmica de trabalho, se antes traduzia praticamente só, com o auxílio de dicionários, gramáticas, enciclopédias e obras traduzidas, e dispunha de poucos documentos para sua pesquisa, hoje o tradutor integra equipes muitas vezes internacionais e trabalha para múltiplos clientes, o que implica gerenciar relações e prazos de uma maneira inteiramente nova. Para responder a esses desafios, conta com muitos mais recursos, pois somados aos já existentes, tem acesso a dicionários e glossários on-line, bancos de dados terminológicos e fraseológicos, inúmeros *sites* -- inclusive ao *site* do cliente ou empresa--, uma rede de consultores em grupos de discussão, além de contato com especialistas. O tradutor tem mais fontes onde buscar informações, o que não significa que tenha menos trabalho ou que seu processo de tomada de decisões seja mais simples, ou ainda que sua responsabilidade seja partilhada com seus informantes. Ao contrário, a ele/a cabe avaliar as informações, ler muito e ser bastante cauteloso/a, dado o volume de dados de que dispõe. Além disso, deve estar atento/a à “efêmera vida útil das informações fornecidas” (Alfarano, 2003: 38) e ciente da transformação

dos discursos, os quais acompanham o ritmo das descobertas e pesquisas nas várias áreas. O tradutor deve também responder pela revisão ortográfica e gramatical do texto traduzido.

Outro aspecto notável de mudança na atividade do tradutor diz respeito à forma como era entregue para o cliente a tradução. Se antes o tradutor entregava a tradução datilografada ou no computador, pessoalmente ou por correio, embora ainda utilize estas formas de entrega, o tradutor hoje deve estar preparado para receber e enviar e-mails e anexos e entregar o projeto em disquete. Para isso, deve dispor de tecnologia atualizada, equipar-se com computadores com capacidades de armazenamento de dados, de processamento de texto e de edição de imagem compatíveis com as suas necessidades de trabalho, atualizar constantemente o antivírus, ter acesso a rede de Internet por meio de banda larga e adquirir vários pacotes de programas, scanner, fax e outros periféricos. Isto significa um bom investimento financeiro e requer do tradutor que ele/a desenvolva uma série de habilidades para lidar com as novas ferramentas e tarefas, tornando o computador um elemento vital no trabalho tradutório. Implica também dominar o uso de processadores de texto, tipos de arquivo, linguagens da Internet, técnicas de formatação e diagramação, incluindo fontes, gráficos, tabelas, e outros. Estas habilidades para lidar com novas tecnologias fazem parte do perfil do tradutor contemporâneo, como expressa com clareza Gentzler:

The skills required of translators have changed dramatically in the last few years; what once was primarily a linguistic activity has evolved into a complex practice requiring both advanced language and computer skills. (2003: 413)

Se por um lado essas ferramentas tecnológicas permitem ao tradutor maior agilidade em relação a prazos quase inegociáveis, por outro, impõem ao profissional um regime de atividades bastante intenso. Claudia Berliner, psicanalista e tradutora, aponta para tensão entre produtividade e qualidade:

A nossa pós-modernidade globalizada também se manifesta num tempo mais vertiginoso, numa semana sem dias de descanso,

numa pressão pela produtividade contra a qual temos que lutar para não perder em qualidade. (2003: 76)

No cenário da pós-globalização – termo oportuno, se considerarmos que atualmente vivemos o momento de refletir sobre os efeitos da globalização nos processos de comunicação intercultural impulsionados pela expansão das relações comerciais – há uma nova área de atuação no mercado que está em pleno crescimento: a tradução de softwares ou *localização*. Dada a expansão desse segmento, e considerando que pouco tem sido escrito a respeito, acreditamos ser necessário examinar com maior detalhe essa modalidade tradutória.

Em primeiro lugar, a tradução de softwares se constitui na tradução de Manuais com as instruções, do Sistema de Ajuda, das Mensagens e do próprio software. Com frequência, trabalha-se com projetos multilíngües, i.e., a tradução é feita para diversas línguas e suas variantes. Essa realidade traz um dado novo para os Estudos da Tradução, ao qual A. Pym chama a atenção e denomina “one-to-many projects” (2003): a relação passa a ser entre um texto de partida e muitos textos de chegada, o que traz novos temas de pesquisa para a teoria da tradução (como as diferenças políticas e culturais entre as várias línguas, por exemplo). A tradução de software é chamada de *localização* porque deve ser adaptada para o ambiente cultural do público consumidor. Embora tradução sempre tenha implicado adaptação em algum nível, no contexto da localização, o conceito assume um caráter “técnico”, sem as associações usuais atribuídas ao termo (tais como “distorção”, “subjetividade”, “falta de fidelidade”, etc.)

Esse crescente segmento, que segundo a LISA (Localization Industry Standards Association) gera algo em torno de 5 a 18 milhões de dólares/ano (C. Arrojo, 2003: 319), trouxe para o tradutor uma série de novas possibilidades e exigências. Ao receber um projeto, o escritório o encaminha para o tradutor líder ou coordenador (*project manager*) que deve administrá-lo. Suas tarefas são as seguintes: a) analisar o projeto levando em conta a área ou assunto, a formatação e arquivo do texto, a necessidade do cliente (prazo), o volume de trabalho para o prazo estipulado, o número de tradutores que é preciso, bem como de especialistas, e o cálculo do orçamento, considerando todos os gastos envolvidos; b) distribuir a tradução para os profissionais que trabalham em equipe, comumente com uso de memórias de tradução (Transit, SDLX, Trados, Deja Vu) que visam agilizar o trabalho, padronizar os

termos, alimentar os glossários, e manter uma coerência terminológica e qualidade lingüística; c) revisar a tradução tendo em mente a coerência terminológica, a revisão ortográfica, gramatical e estilística, no confronto com o texto fonte; d) após a revisão, fazer a diagramação e formatação e, no caso da tradução do software enviar para a equipe de localização, dentro ou fora da agência/empresa, para que os programadores e engenheiros se encarregam de inserir as informações nas telas ou janelas de interface do usuário. O líder do projeto cuida ainda da entrega das traduções, do recebimento dos honorários, do pagamento da equipe e do serviço “pós-venda”, isto é, do retorno do cliente quanto a correções, bem como do contato para futuros trabalhos. O tradutor que atua nesse mercado pode ser o coordenador do projeto (e nesse caso precisa desenvolver habilidades gerenciais como organizar e supervisionar o trabalho em equipe, ter uma comunicação clara com as várias partes, saber negociar, saber dividir as tarefas, gerir os aspectos orçamentários), ou pode ser o tradutor numa equipe, e para isso ele é necessário que conheça a tecnologia das memórias de tradução; ele pode trabalhar na padronização e gerenciamento dos glossários, atualizando os bancos, pode ser o revisor de uma ou mais línguas ou ainda o redator dos guias de estilo da empresa (*style sheets*).

Este campo de atuação, embora abra perspectivas para o tradutor, reclama do estudioso um olhar crítico.

Em primeiro lugar, toda tradução e pesquisa feitas para o cliente ficam gravadas na empresa, e passam a ser sua propriedade; em contrapartida, o tradutor tem acesso ao trabalho de outros tradutores e aos glossários armazenados. Outro ponto importante é que as memórias são caras e as versões que se pode baixar da Internet não permitem importar e exportar a formatação, o que torna o tradutor dependente da agência. Sem acesso ao texto fonte na íntegra ou na formatação original, o tradutor trabalha com duas janelas repletas de sinais, o que dificulta uma visão clara de como as diferentes partes se articulam para formar o texto; os segmentos pré-traduzidos fazem o cursor automaticamente avançar até o próximo segmento por traduzir, tornando a leitura do texto fragmentada. Além disso, o que é pré-traduzido em geral não é pago. Quanto ao *fuzzy match* (equivalência aproximada), embora seja um recurso interessante, não muito confiável, e, segundo pesquisa realizada por E. Ross, o tradutor passar 1/3 do tempo revisando traduções gravadas no Fuzzy Index (2003: 467), ou seja, a vantagem em relação ao tempo é relativa.

3. Traduzir: verbo de ligação

A utilização de programas e memórias pela indústria da localização visa à produtividade, que se beneficia da “coerência terminológica” e do uso controlado da língua. Esta padronização de termos, contudo, é uma tendência que se percebe não apenas nessa área, mas em muitas outras, como é o caso, por exemplo, da tradução de textos de economia, como aponta Alfredo B. Pinheiro de Lemos:

A globalização impõe cada vez mais termos universais, que o tradutor tem que aceitar. Em economia, por exemplo, usa-se em geral nas equações as indicações em inglês (M para dinheiro, L para trabalho etc.). É inevitável, para que as pessoas possam entendê-las em livros ou artigos em qualquer língua. (2003: 127)

A padronização terminológica promove a disseminação de informações e tecnologias, acarretando uma uniformidade também nos valores e bens culturais. Se por um lado amplia-se o conhecimento sobre as culturas estrangeiras e fomenta-se o intercâmbio de produção científica, por outro se corre o risco de banalizar as diferenças ou mascarar-las por meio de uma linguagem “comum”, esvaziada de metáforas peculiares e empobrecida das idiossincrasias.

Esta breve reflexão a respeito dos efeitos da dita “globalização” sobre o trabalho do tradutor nos leva a ponderar que diversos aspectos da tarefa tradutória foram, de fato, alterados em função das inovações nas ferramentas computacionais e na dinâmica mundial das relações de mercado. Isto não quer dizer que tenha havido uma mudança no núcleo da atividade do tradutor, a qual envolve leitura, pesquisa, confecção de glossários, reescrita, revisão e mais pesquisa, preparação do texto “final”, negociação com o cliente sobre prazos e honorários, gerenciamento de projetos. Há, hoje, uma sofisticação e complexificação de algumas etapas do processo, as quais variam segundo a área de tradução. Há, também novas possibilidades que geram novas parcerias, além das acima mencionadas: com o profissional de marketing, por exemplo, o tradutor pode atuar como consultor cultural e junto ao lingüista, como terminologista na pesquisa e tradução de termos técnicos.

Vivemos um vigoroso momento de reconfiguração na forma de se conceber inúmeras profissões, com conseqüências ora claramente benéficas, ora potencialmente sombrias. O certo é que o perfil do tradutor está em pleno transformar-se e cabe a nós estarmos atentos aos novos rumos e seus desdobramentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBIR, Amparo Hurtado. *Traducción y Traductología*. Madrid: Cátedra, 2001.
- ALFARANO, Regina. Entrevista. *Conversas com tradutores*. Benedetti, I.C. e Sobral, A. (orgs) São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ARROJO, Cristina Márquez. Globalización, internacionalización y localización de software, una breve reseña. *III Congreso Latinoamericano de Traducción e Interpretación*. (vol.2) Buenos Aires: CTPCBA, 2003.
- BERLINER, Claudia. Entrevista. *Conversas com tradutores*. Benedetti, I.C. e Sobral, A. (orgs) São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- DELISLE, Jean e WOODSWORTH, Judith. *Os tradutores na história*. Trad. Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1998
- GENTZLER, Edwin. Translation and Technology: Bridging the Gaps. *III Congreso Latinoamericano de Traducción e Interpretación*. (vol.2) Buenos Aires: CTPCBA, 2003.
- PAZ, Octavio. Lectura y contemplación. *Tradução e comunicação*. São Paulo: Álamó, 1984.
- PINHEIRO DE LEMOS, Alfredo B. Entrevista. *Conversas com tradutores*. Benedetti, I.C. e Sobral, A. (orgs) São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- PYM, Anthony. Globalization and the Politics of Translation Studies. Disponível em http://www.fut.es/~apym/on-line/globalization_canada.pdf consulta em 09/dez/2003.
- ROSS, Evelyne. Working environment changes induced by translation memories. *III Congreso Latinoamericano de Traducción e Interpretación*. (vol.2) Buenos Aires: CTPCBA, 2003.

